



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

AXÉ EM REDE: “Letra do Ano” e a Resistência de Ifá¹

Thayná Severo da Barra Hernández - Universidade do Estado do Rio de Janeiro²
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro³

RESUMO

A pesquisa se insere no contexto da tradição de Ifá, um complexo sistema filosófico, religioso e oracular de origem iorubá. A metodologia adotada é de abordagem qualitativa, com ênfase na netnografia, para analisar as práticas comunicacionais da comunidade nas redes sociais. O corpus empírico foi composto por 64 vídeos do tipo Reels, coletados no Instagram sob a hashtag #letradoano. A análise dos dados se deu por meio da análise de conteúdo em frentes quantitativa e qualitativa, com foco em três categorias: performance da identidade ritual, estratégias de legitimação simbólica e dispositivos de engajamento comunitário. A interpretação aprofundada dos elementos audiovisuais permitiu compreender a linguagem digital.

PALAVRAS-CHAVE: Ifá; Quilombo virtual; Netnografia; Racismo religioso; Resistência.

1 INTRODUÇÃO

A tradição de Ifá, de origem iorubá, constitui um complexo sistema filosófico, religioso e oracular, amplamente difundido em países da diáspora africana, como Cuba e Brasil. No centro dessa cosmologia está Orunmilá, orixá do conhecimento e da adivinhação, cuja sabedoria é acessada por meio do oráculo de Ifá, operado por sacerdotes denominados babalaôs. A “Letra do Ano” é um ritual coletivo anual de consulta ao oráculo, no qual são reveladas orientações espirituais, éticas e sociais que guiarão a comunidade durante o novo ciclo. No Brasil, esse rito vem sendo realizado desde os anos 1990 por descendentes do babalaô cubano Rafael Zamora Dias, sendo hoje uma referência de resistência e organização religiosa afro-diaspórica.

Este trabalho analisa a “Letra do Ano” como um dispositivo de comunicação comunitária e de resistência simbólica, especialmente a partir de sua presença nas redes sociais. Através da campanha #letradoano, observa-se a articulação de um “quilombo virtual de axé”, onde ancestralidade, engajamento digital e pertencimento se entrelaçam para a preservação e expansão do culto de Ifá no contexto contemporâneo. A proposta é compreender como esse ritual sagrado,

¹ Trabalho apresentado no GT1 – Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.
Email: thayna.severo.rj@gmail.com

³ Bolsista de Mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ

ancorado em uma tradição oral e corporal, é ressignificado e fortalecido nas mídias digitais, constituindo territórios simbólicos de memória, afeto e luta contra o racismo religioso.

2 METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com a netnografia como método central para analisar as práticas comunicacionais da comunidade de Ifá nas redes sociais. O corpus empírico consistiu em 64 vídeos do tipo Reels, coletados no perfil do Instagram do babalaô Robson Abreu, usando a hashtag #letradoano. A análise dos dados foi realizada através de análise de conteúdo, combinando mapeamento quantitativo e categorização qualitativa de três categorias principais: performance de identidade ritual, estratégias de legitimação simbólica e engajamento comunitário. A interpretação aprofundada incluiu a análise da imagem, examinando elementos não verbais como indumentária e estética digital para entender a circulação do axé no ambiente online.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A comunicação comunitária é aqui compreendida como prática coletiva de produção de sentidos, capaz de gerar pertencimento e articulação simbólica entre sujeitos (PAIVA, 2003). Ela se opõe à lógica hegemônica dos grandes meios de comunicação, valorizando a escuta, o afeto, a oralidade e os saberes locais. No contexto das religiões de matriz africana, a comunicação comunitária se manifesta na circularidade dos cantos, dos rituais, das narrativas orais e, mais recentemente, na ocupação de espaços digitais. A *circulação do axé* se dá, portanto, por meio de códigos estéticos, performáticos e afetivos que, ao migrarem para as redes sociais, atualizam as formas de transmissão dos saberes ancestrais.

A partir da proposição de Santos e Silva (2021), o conceito de *quilombo virtual* é mobilizado para nomear espaços digitais que se constituem como territórios de refúgio, proteção e memória coletiva. No caso da campanha #letradoano, o quilombo virtual de axé se configura como um ambiente onde a ancestralidade é celebrada, onde o axé circula por meio de vídeos, imagens e discursos, e onde os sujeitos religiosos se reconhecem como parte de um mesmo corpo espiritual e político. Trata-se de um território simbólico em disputa, atravessado por algoritmos e dinâmicas da plataformização, mas que ainda assim preserva a lógica da oralidade, da circularidade e da coletividade próprias das culturas afrodiaspóricas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do material empírico revelou a emergência de um fenômeno comunicacional que articula tradição religiosa e estratégias de engajamento digital. A partir dos 64 Reels publicados no perfil @robson_ifaori, observou-se a presença de uma estética religiosa afrodiaspórica que mobiliza

símbolos do culto de Ifá, performances corporais e elementos audiovisuais contemporâneos. Os vídeos apresentam uma estética ritualizada, marcada por cores, gestualidades, indumentárias e entonações que reforçam a presença do axé na linguagem das redes.

Os dados também indicam a centralidade das apetebis na mediação entre o sagrado e o ambiente digital, protagonizando falas, convocações e acolhimentos que ressignificam seu papel nos espaços de liderança religiosa. As mulheres aparecem como guardiãs da palavra e da imagem do axé, rompendo com estruturas de silenciamento e ocupando, com autoridade, os territórios comunicacionais.

Outro aspecto relevante é a construção coletiva de um “quilombo virtual de axé”, evidenciado na mobilização da hashtag #letradoano e na circularidade dos conteúdos. A performance dos sujeitos religiosos nos vídeos vai além da simples divulgação: constitui uma prática de resistência simbólica, de afirmação identitária e de pedagogia espiritual para a comunidade afrodiaspórica.

Por fim, a presença dos Reels enquanto ritual midiático aponta para uma reconfiguração da oralidade e da ancestralidade no contexto da plataformização. A Letra do Ano, tradicionalmente transmitida em espaços físicos de culto, ganha circulação ampla, transnacional e afetiva, transformando-se em dispositivo de fortalecimento comunitário e espiritual no ambiente digital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou que a campanha #letradoano no Instagram representa uma forma contemporânea de resistência religiosa e fortalecimento comunitário dentro do culto de Ifá. Através dos Reels, observou-se a circulação do axé no ambiente digital, a partir da atuação destacada das apetebis, que reafirmam o protagonismo feminino nas mídias religiosas.

As redes sociais foram compreendidas como *quilombos virtuais de axé*, espaços de memória, identidade e luta simbólica. A apropriação das tecnologias por lideranças de Ifá mostra como tradição e inovação podem se articular na construção de novos territórios de pertencimento afrodiaspórico. Assim, a Letra do Ano ultrapassa o espaço físico do terreiro, tornando-se também uma prática comunicacional estratégica na era digital.

Referências

- ATHAYDE, Rogério. **Orunmilá**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.
- NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. 2. ed. Brasília; Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares; OR Editora, 2002.
- PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- SANTOS, Cristiano Henrique dos; SILVA, Renata Nascimento da. Quilombos virtuais: as novas expressões de (re)territorialização, resistência, ativismo e empoderamento negro nas redes sociais. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 77-85, 2021.

